

ANTICARTESIANISMO

RESUMO:

Nos últimos anos temos encontrado inúmeras críticas ao sistema cartesiano com base nas possíveis consequências que a sua filosofia teria deixado para a modernidade. Tais argumentos contra o sistema cartesiano vêm de várias áreas da ciência, tais como educação, direito, ciências sociais e de movimentos ambientais e as objeções buscam atacar vários pontos que estariam subjacentes ao seu pensamento, tais como uma espécie de etnocentrismo, racismo e machismo devido principalmente à maneira pela qual o autor propôs noções de objetividade e neutralidade no seu método filosófico. A concepção machista teria, além disso, gerado problemas para a educação, uma vez que incentiva um modelo de aprendizagem apenas, ou seja, aquele voltado para o gênero masculino. Finalmente, o então chamado “paradigma cartesiano” teria gerado ainda consequências danosas para o meio ambiente, ocasionadas pela sua noção ramificada de ciência e pela ideia de separação entre a mente e o corpo. Neste artigo serão apresentadas algumas objeções à filosofia de Descartes presentes no livro “Ponto de Mutação” de Fritjof Capra, além de críticas similares, encontradas em textos acadêmicos e de divulgação popular no Brasil e na América Latina. Por fim, serão apresentadas as ideias de Descartes referentes aos temas em questão, tomando como base as suas duas principais obras: o *Discurso do Método* e as *Meditações Metafísicas*. O propósito principal do artigo é o de mostrar que muitas concepções populares anticartesianas são, no fundo, ou sem base textual, ou descontextualizadas de sua época e contexto literário.

Palavras-chave: Descartes, paradigma cartesiano, cartesianismo, cogito ergo sum

* Professor da Universidade Federal Fronteira Sul (UFFS), campus Chapecó.

ANTI-CARTESIANISM

ABSTRACT

In recent years it can be found countless criticisms of Cartesian system based on the consequences that its philosophy would have left to modernity. Such arguments against Cartesian system comes from scientific areas such as education, law, social sciences and ecology movement and the objections concern several points of his thoughts, such as a kind of ethnocentrism, racism and sexism mainly due to the way the author proposed notions of objectivity and neutrality in philosophy. The macho thinking would have also generated problems for education, since it would have encouraged one only model of learning, namely, the male learning. Finally, the so-called “Cartesian paradigm” would have also generated harmful consequences for the environment, caused by a branched notion of science and the idea of separation between mind and body. This article will show not only some objections to the philosophy of Descartes in Fritjof Capra’s book “The Turning Point”, but also similar criticisms that can be found in academic texts and popular dissemination in Brazil and Latin America. Finally, Descartes’ ideas on these issues will be presented, based on his two major works, the “Discourse on the Method” and “Meditations on First Philosophy”. The main purpose of this article is to show that many popular anti-Cartesians conceptions have either no textual basis, or are decontextualized from his time and literary context.

Keywords: Descartes, Cartesian paradigm, cartesianism, cogito ergo sum

ANTICARTESIANISMO

RESUMEN

En los últimos años hemos encontrado numerosas críticas al sistema cartesiano basadas en las posibles consecuencias que su filosofía habría dejado a la modernidad. Tales argumentos contra el sistema cartesiano provienen de diversas áreas de la ciencia, como la educación, el derecho, las ciencias sociales y de movimientos ambientales y las objeciones tratan de atacar a varios puntos que estarían subyacente a su forma de pensar, como una especie de etnocentrismo, racismo y machismo debido especialmente a la manera en que el autor ha propuesto nociones de objetividad y neutralidad en su método filosófico. La concepción machista, además, habría generado problemas a la educación, ya que alienta solamente un modelo de aprendizaje, es decir, aquel orientado al género masculino. Por último, el llamado “paradigma cartesiano” todavía habría generado consecuencias perjudiciales para el medio ambiente, ocasionadas por su noción ramificada de ciencia y por la idea de separación entre la mente y el cuerpo. En este artículo se presentan algunas objeciones a la filosofía de Descartes presentes en el libro “*Ponto de Mutação*” de Fritjof Capra, además de críticas similares que se encuentran en los textos académicos y de difusión popular en Brasil y en América Latina. Por fin, se presentan las ideas de Descartes sobre los temas en cuestión, sobre la base de sus dos obras principales: el *Discurso del Método* y *Meditaciones Metafísicas*. El objetivo principal del artículo es mostrar que muchas concepciones populares anticartesianas son, en el fondo, o sin base textual, o descontextualizadas de su tiempo y contexto literario.

Palabras clave: Descartes, paradigma cartesiano, cartesianismo, cogito ergo sum

ANTICARTESIANISME

RÉSUMÉ:

Ces dernières années nous avons trouvé nombreuses critiques au système cartésien qui sont basés sur les possibles conséquences que sa philosophie aurait laissé à la modernité. Tels arguments contre le système cartésien viennent de divers domaines de la science, comme éducation, droit, sciences sociales et des mouvements ecologistes. Les objections cherchent attaquer plusieurs points qui sont sous-jacentes à sa pensée, comme une espèce d’ethnocentrisme, racisme, machisme à cause, principalement, de la manière que l’auteur propose des notions d’objectivité et neutralité de sa méthode philosophique. La conception machiste a généré problèmes de l’éducation, une fois qu’encourage un modèle d’apprentissage seulement dirigé au genre masculin. Finalement, l’appelé “Paradigme catésien” aurait généré encore conséquences nocives à l’environnement causées par sa notion ramifiée de Science et à cause de son idée de séparation entre âme et corps. Cet article ira présenter certaines objections à la philosophie de Descartes qu’il y a dans le livre “Point de Mutation” de Fritjof Capra et des critiques similaires, trouvées dans les textes académiques et de divulgation populaire au Brésil et en Amérique Latine. Finalement, seront présentées les idées de Descartes par rapport aux thèmes concernés, en se basant sur ses principales oeuvres: “Discours de la Méthode et les Méditations Métaphysiques”. L’objectif principal de l’article est montrer que plusieurs des conceptions populaires, sont sans base textuel ou descontextualisées de son époque et de son contexte littéraire.

Mots-Clés: Descartes, Paradigme Cartésien, cartésianisme, cogito ergo sum.

HODIERNAMENTE é muito comum encontrarmos ataques e propostas de superação do sistema cartesiano, que passou a ser chamado de “paradigma cartesiano”. As ideias e argumentos contra o sistema em geral vêm de inúmeras áreas da ciência como, por exemplo, da educação, do direito, das ciências sociais e dos movimentos ambientais, e os pontos a serem criticados dizem respeito à relação da filosofia cartesiana com o etnocentrismo, a separação entre mente e corpo, a ideia de objetividade, questões ambientais, educacionais e identidades de gênero. Neste artigo apresentaremos as críticas mais comuns à filosofia e à ciência cartesiana, com base em alguns textos representativos do gênero. Primeiramente apresentaremos algumas objeções à filosofia de Descartes presentes no “Ponto de Mutação” de Fritjof Capra, que parece ter sido um dos primeiros ou, pelo menos, o principal divulgador destas ideias. Em seguida mostraremos ideias similares, encontradas em textos acadêmicos e de divulgação popular no Brasil e na América Latina. Por fim, serão apresentadas as ideias de Descartes referentes aos temas em questão, tomando como base as suas duas principais obras: o *Discurso do Método* e as *Meditações Metafísicas*. Com isso, mostraremos que muitas concepções populares anticartesianas são, no fundo, ou sem base textual, ou descontextualizadas de sua época e contexto literário.

Nos dois primeiros capítulos do “Ponto de Mutação”, Fritjof Capra apresenta as grandes mudanças de perspectiva do pensamento ocidental promovidas pelo sistema cartesiano, bem como pela ciência newtoniana e moderna em geral. Ao tratar propriamente da ciência cartesiana, Capra compreende que a mesma pretendia ser completa, certa, próxima de uma evidência matemática (cap. 2). Logo em seguida, critica tal pretensão, mostrando que a física do século XX teria nos mostrado que não existe verdade absoluta em ciência. Esta interpretação acabou sendo aceita sem muito questionamento em outros meios, como se pode ver, por exemplo em Araújo (2009), que afirma que o objeto de desejo do cartesianismo é obter respostas absolutas em ciência, algo que já teria sido abandonado pela ciência atual, que teria priorizado, em contrapartida, o relativismo.

Tais afirmações, no entanto, são claramente genéricas e sem justificativa. Não somente a tese de que a ciência hoje não tem qualquer interesse em encontrar a verdade parece ser muito discutível, quanto a de que Descartes buscava respostas absolutas em ciência. Pois, embora Descartes claramente fundamenta um método para dirigir o espírito na trilha da verdade e tenha intitulado uma das suas mais famosas obras como *Discurso do Método para bem dirigir a própria razão e buscar a verdade nas ciências*, é preciso compreender e qualificar aqui o que se entende por “ciência” no século XVII. Obviamente, não podemos comparar a noção de ciência ramificada, dividida e metodizada, tal como a encontramos no século XX com a ideia geral de ciência que se tinha no tempo de Descartes. Quando o autor moderno trata de ciência, muitas vezes está pensando em conhecimento em geral; outras vezes reporta-se às ciências exatas (especialmente quando ele nomeia a aritmética e a geometria) ou mesmo às ciências gerais (física, química, mas não às ciências humanas, que apareceram bem mais tarde na história das ciências).

Conforme um dos seus maiores comentadores de língua inglesa, John Cottingham, Descartes usa o termo ‘scientia’ derivado do latim, ‘scire’, que é equivalente a ‘conhecer’ (1993, p. 99). Por outro lado, continua Cottingham, Descartes usa esse termo também para denotar todos os objetos da cognição humana, o que é certo e evidente e não o que é meramente provável ou pertencente à crença. A definição encontra-se nas suas “Regras para Direção do Espírito”, Regra II. Não se trata, portanto, de questões relativas às ciências específicas como temos hoje e como muitos a compreendem.

A crítica feita a Descartes com relação à busca da verdade muitas vezes vem acompanhada da crítica à objetividade, que é um tema estritamente relacionado ao primeiro. Araújo (2009) afirma que a objetividade da ciência, que teria sido um método inaugurado por Descartes, retirou as “cargas valorativas” do homem no processo científico. No caso do Direito, esta objetividade, este ordenamento racional, seria o responsável por dissociar a emoção e a subjetividade da razão no processo do conhecimento. Araújo não detalha como

poderíamos inserir valores emocionais e subjetivos na ciência, especialmente no Direito, e não saberíamos explicar de que forma tal relativismo seria possível em ciência. A noção que temos de “ciência” no Ocidente, como se sabe, está estritamente relacionada à de objetividade, não encontrando qualquer parâmetro no qual o gosto, desejos e sentimentos particulares devam interferir no processo do conhecimento. Embora essa ideia geral de ciência não tenha surgido com Descartes, outros autores persistem nesta crítica, mostrando como a ideia de objetividade cartesiana teria reforçado, a partir de sua época, noções de etnocentrismo, machismo e racismo, como se verá em seguida.

Como se sabe, o processo de colonização europeu moderno começou mais precisamente a partir do século XVI, com a conquista da América. O europeu que aqui chegou se julgava o único ser humano capaz de ciência e conhecimento e enxergava as demais culturas como inferiores, incompletas, que precisavam de aperfeiçoamento intelectual para alcançarem um “ideal” de civilização. Desta forma, escravizou e exterminou milhões de seres humanos no Novo Mundo, rotulados de bárbaros e inseridos em conceitos raciais que até hoje utilizamos: índios para os inúmeros povos que se encontravam na atual América e negros para todos os provenientes da África.

Segundo Nelson Maldonado-Torres (2007), a dúvida a respeito da humanidade dos outros povos, baseada na falta de razão dos colonizados e racializados teria começado com Descartes. Como sabemos, o autor moderno duvida de todas as coisas, tanto quanto possível, a fim de encontrar uma certeza nas ciências, que foi o “penso, logo existo” (*cogito ergo sum*). Para Torres, no entanto, o *cogito* não é uma máxima universal, mas extraída tão somente do pensamento europeu. Assim, o bárbaro estaria excluído do processo e, se não pensa, não é, logo pode ser usado como ferramenta de trabalho para favorecer o desenvolvimento científico e tecnológico no período em que a economia e política europeia (agora também imposta às demais culturas) era e continua sendo a capitalista. Para Aníbal Quijano, este sujeito retratado no *cogito* não é o retrato geral de homem, mas de uma categoria de homem apenas, que também foi racia-

lizada de “branca” e, posteriormente, de “europeia” (1992). Silva, Chaddad, Abrão, Dalbem, Del Vecchio acrescentam: o pensamento cartesiano trouxe consequências não só para a separação entre o homem e a natureza, mas também para “acentuar a fragmentação social reforçando a ética individualista ou egocêntrica, característica do sistema capitalista” (2010).

Considerando a ausência de razão no índio e no negro, tais povos eram tratados como objetos. As culturas “bárbaras”, por consequência, não poderiam ser frutos de alguma racionalidade, mas tão-somente objetos de estudo para as culturas e ciências “civilizadas”. Para Descartes, tudo o que é corpo não pensa. Só a mente pensa. Como exposto na sua dúvida hiperbólica, a própria existência do seu corpo é passível de dúvida, assim como a dos demais objetos externos. O índio e o negro, comparados a corpos e animais, não pensariam, completa a crítica.

Para Fritjof Capra, o *cogito* de Descartes teria encorajado a civilização ocidental a dar valor apenas à mente e a desprezar totalmente o corpo. Além disso, teria nos levado a atribuir ao trabalho mental um valor superior ao trabalho manual (1982, cap. 1 e 2). Para ele, este pensamento trouxe consequências danosas para o meio ambiente. Capra acredita que o fato de termos nos afastado do meio ambiente em geral deve-se essencialmente à divisão entre espírito e matéria que, segundo ele, foi promovida na modernidade, além da compreensão moderna de universo enquanto sistema mecânico, de objetos separados entre si. E Descartes é quem teria dado “sanção” à ciência para a manipulação e a exploração da natureza (1982, cap. 2), um ideal científico que teria sido já compartilhado por Francis Bacon.

Para Juan Cajigas-Rotundo, Descartes julgou que poderia, “sem custo algum”, conhecer o funcionamento dos corpos que nos cercam e “utilizá-los da mesma forma em todos os seus usos” para então nos tornarmos “como senhores e possuidores da natureza”. Segundo o autor, Descartes transforma a natureza em algo objetivo, válido para todo tempo e espaço, universal e necessário. O homem que se propõe a conhecer a natureza, por sua vez, age com neutralidade e sem carga afetiva para favorecer o

progresso da ciência moderna (2007). O mesmo dizem Chaddad & Ghilardi: Descartes teria atribuído papel secundário à natureza e seus movimentos, contribuindo para uma visão de meio ambiente em que o homem se encontre fora dele, como um ser superior (2012). Araújo conclui: neste sistema, “apenas o homem é um fim em si mesmo, tudo o mais são objetos ou instrumentos postos à disposição do homem, para a realização de suas pretensões” (2009).

É preciso detalhar todos estes pontos e analisar de que forma Descartes os expõe para tentarmos compreender, de modo mais preciso, e nos aproximar, o melhor que pudermos, das reais intenções do autor. Primeiramente, é preciso ter cuidado ao tratar da suposta fragmentação do conhecimento em Descartes pois, por um lado, o autor considera que as ciências estão entrelaçadas, que umas são dependentes das outras, e que é mais fácil apreendê-las todas de uma só vez do que separá-las ou estudar cada uma em particular (Regras I). A busca de Descartes diz respeito a um método, tal como anunciado em todas as suas principais obras, que possa ser aplicado a todas as ciências. Este era o propósito também de Bacon, Galileo e outros, para servir de alternativa ao modelo aristotélico-escolástico, na época visto como insuficiente para responder aos problemas gerados pelas grandes descobertas da modernidade, que levaram à crise o pensamento medieval.

Por outro lado, há momentos em que Descartes mostra a vantagem em estudarmos cada coisa em sua especificidade, para que o pensamento não se desvie do foco com questões supérfluas, nem se perca no raciocínio em questão (Regras XIII). Não parece, porém, que a partir dessa prescrição para direcionar o espírito na busca do conhecimento exista qualquer recomendação em promover uma visão de ciência na qual cada área ou ramo de saber tenha que adotar um método próprio, distinto dos demais.

Também não se segue dessa ideia que Descartes tenha incentivado o uso das ciências para uma espécie de exploração desmedida da natureza, reforçando assim uma postura egocêntrica diante dos reinos vegetal e animal, tal como foi criticado. Além disso, uma questão como essa se encontra fora de contexto

– somente no século XX a exploração da natureza passou a ser um problema. Tal crítica seria, da mesma forma, anacrônica se remetida a Francis Bacon ou a outros desbravadores do pensamento moderno, que estavam preocupados, enquanto filósofos, com o conhecimento em si, em contraposição à ignorância, à superstição e ao pensamento predominante da era medieval, considerado incapaz de responder às questões da ciência moderna.

É verdade que tanto Bacon na *Nova Atlântida*, quanto Descartes na sexta parte do *Discurso* mostraram alguns benefícios e resultados práticos de suas reflexões abstratas. No *Discurso* Descartes reconhece que o único fruto recolhido do seu método foi a satisfação em responder às dificuldades concernentes às ciências especulativas ou, no máximo, alguns preceitos para conduzir a sua moral. No que diz respeito à física, ele continua, é possível porém extrair dela alguns princípios que sejam úteis à vida, tal como o de buscar a saúde do corpo por meio da medicina, sempre com o intuito de se contrapor à filosofia especulativa escolástica, que tratava mais da contemplação do mundo do que gerar resultados práticos em benefício do homem. Com a nova ciência, Descartes afirma que podemos nos tornar “como senhores e possuidores da natureza”, e gozar dos artifícios que os frutos da terra podem nos dar. O ideal aqui parece ser o de voltar a atenção à natureza, a fim de encontrar nela os recursos para o bem-estar da humanidade, tal como aparece em Bacon, opondo-se, assim, às predições de astrólogos, alquimistas, mágicos e de todas as más doutrinas, como diz Descartes na primeira parte do *Discurso*. Todo o contexto em que tais afirmações ocorrem, evidentemente, não diz respeito à permissão de um abuso do meio ambiente até que se esgotem os seus recursos – pois, além de uma ideia dessas ser impensável neste período, ela seria contrária ao pensamento humanista dos filósofos da modernidade, uma vez que possibilitaria a destruição da própria espécie humana, como vemos hoje.

A inferência, portanto, de um pensamento que questiona o foco da ciência do período medieval e busca mudar o seu fim ao deixar de tentar compreender os propósitos de Deus ao criar o mundo para um

ideal de ciência que possa resultar no benefício da humanidade, para a visão de um determinado sistema econômico que teria feito uso dessa vantagem para exploração e devastação da natureza, não tem qualquer fundamento na obra de Descartes. Em vez de partirem da ideia de que Deus está presente no universo e é responsável pelas suas transformações, os arautos da Nova Ciência partem da noção de que o universo é como um relógio que funciona por si só, sem necessidade de intervenção divina. É a chamada concepção mecanicista que passou a predominar neste período.

A partir dessa noção de universo enquanto máquina, alguns críticos julgam que Descartes tenha transformado a natureza em algo objetivo e universal, como foi mostrado acima. É preciso ver em que sentido isso se aplicaria: certamente não corresponde à noção de que as ciências naturais deveriam aspirar ao ideal de objetividade das ciências formais, como podemos ver, por exemplo, na Regra II. Lá ele afirma que não há questão nas ciências na qual os estudiosos não discordem entre si, e reconhece que não podemos adquirir ciência perfeita sobre todos os assuntos. Com exceção da aritmética e da geometria, ele continua, nos demais campos podemos aspirar no máximo à probabilidade. Daí, portanto, não parece se seguir que o homem, inspirado em Descartes, encontre justificativa para agir de modo objetivo e sem carga afetiva pela natureza, como diz Rotundo (2007).

Outra ideia proveniente do cartesianismo e que teria ocasionado o afastamento do homem com relação ao meio ambiente diz respeito à divisão entre espírito e matéria, como mostra Capra. No entanto, é difícil sustentar que o *cogito* de Descartes “encorajou eficazmente os indivíduos ocidentais a equipararem sua identidade com sua mente racional e não com seu organismo total” (CAPRA, 1982, p. 29) pois, como nota John Cottingham, no verbete “Mente e Corpo” do seu *Um Dicionário sobre Descartes*, a distinção corpo e mente que Descartes realiza é meramente conceitual e que, na prática, corpo e mente estão de tal modo misturados e unidos, que todos nós sentimos isso baseados na nossa própria experiência interna (1993, p. 126). De fato, na quinta parte do *Discurso*, o autor afirma que a nossa mente não comanda o corpo como

um marinheiro guia o navio, mas nossa mente e corpo estão intimamente ligados e unidos e, dessa união é que adquirimos apetites como fome e sede, emoções como ódio e amor, e sensações como dor e prazer, que resultam todas tanto do corpo quanto da mente.

Nessa suposta separação do homem com relação ao meio ambiente, alguns críticos afirmam que a revolução cartesiana teria incentivado também a superioridade humana perante as criaturas irracionais e, até mesmo a superioridade do europeu sobre o negro e o indígena, muitas vezes considerando estes últimos como irracionais e, logo, objetos de uso e conhecimento europeu. Primeiramente é preciso fazer aqui uma advertência histórica: a ideia de que os ameríndios e negros não têm alma e que, portanto, seriam como animais data do século anterior, tanto que em 1537 o papa Paulo III teve que declarar que os índios são de fato seres humanos. Além disso, não encontramos qualquer vinculação do *cogito* à raça nos textos de Descartes. Pelo contrário, a todo momento o autor faz questão de se reportar ao homem em geral, àquele que pensa e que pode chegar à noção do *cogito*, sem qualquer intervenção da religião, da cultura, do meio que o cerca e até mesmo sem o uso de qualquer um dos seus sentidos. Na sua dúvida metódica no *Discurso*, a fim de chegar ao *cogito*, ele coloca em questão, além de outras coisas, todos os costumes e ensinamentos provenientes do meio e afirma que viajar para diferentes lugares e conhecer outros povos nos possibilita julgar melhor os nossos costumes e reconhecer que nem tudo o que é contrário à nossa razão deve ser reputado como “ridículo”.

Na segunda parte do mesmo livro, ele continua negando que todos os que possuem sentimentos contrários aos nossos sejam bárbaros, selvagens ou desprovidos de razão. Até mesmo as suas provas da existência de Deus têm por base a Razão, sem qualquer influência da fé ou concepções características de qualquer deus proveniente das religiões instituídas. A razão pura é a sua única ferramenta na procura pela verdade em filosofia, e esta não é exclusiva de um povo ou de uma raça. É importante mencionar aqui que o presente artigo não trata de como os conquistadores do Novo Mundo pensa-

vam: esses, de uma forma generalizada, enxergavam o índio e o negro como seres inferiores e suscetíveis à escravidão, como sabemos, mas não foi nos textos de Descartes que eles encontraram justificativas para este tipo de preconceito.

Já ao retratar o comportamento animal, Descartes mostra que há uma diferença entre esses e os seres humanos: enquanto o ser humano é dotado de livre-arbítrio, o animal age de forma exclusivamente mecânica, assim como são as ações inconscientes do ser humano. Ele nota, na quinta parte do *Discurso*, que os animais não pensam, e que isso é claro quando observamos a falta de raciocínio neles quando emitem sons. Para Descartes, os animais não possuem linguagem e, a partir disso, ele infere que não possuem razão. Com esta teoria, ele ataca a tese na qual o homem deveria se guiar pela natureza e pelo comportamento animal, a partir da observação e estudo de suas ações com o fim de retirar deles lições de moralidade. Essa ideia foi defendida por Charron e, de certa forma, por Montaigne na modernidade (cf. ZIMMERMANN, 2013).

A falta de razão nos animais, no entanto, não vincula necessariamente que os mesmos não possuam sentimentos em Descartes, tal como muitos defendem. Embora exista controvérsias sobre essa questão mesmo entre os especialistas do pensamento cartesiano, Cottingham mostra, no verbete “Animais” do seu dicionário, que em algumas ocasiões Descartes sugere que animais têm sensações, como a de dor e prazer. Numa carta a More de 1649, ele chama a atenção para o fato de que, ao tratar das criaturas irracionais, está se referindo à falta de pensamento nelas, e não à falta de sensação ou vida, uma vez que estas são confirmadas pela observação do calor de seus corações e de seus órgãos corporais (1993, p. 17).

Há, por fim, mais uma acusação ao *cogito*, relacionada a sua suposta carga qualitativa de gênero. Segundo esta crítica, Descartes não teria considerado, ao chegar ao *cogito*, o gênero feminino ao retratar a sua visão universal de homem (“homem”, segundo a crítica, não se refere a ambos os sexos). O *cogito*, por causa de seu caráter imensamente abstrato e por não se identificar com os seres reais, não teria adotado uma concepção neutra, mas a do varão, como observa

Torres. Para María Lugones, ao organizar a sociedade moderna em categorias hierárquicas de raça e classe, os filósofos a organizaram também conforme o sexo e o gênero (2010). Com isso, direcionaram toda a ciência a um determinado sexo apenas: suas orientações, valores, métodos de ensino, tipo de exigências são patriarcais e tais concepções geram desproporcionalidade nas avaliações com relação à dignidade e capacidade de cada sexo. Nesta visão, a mulher, por causa de suas funções reprodutivas, é equiparada à natureza e o homem à cultura (PALANCA, 2005).

As consequências desta forma de pensar teriam afetado todo o modelo de ensino da modernidade. Conforme Ferreira, Carpin e Behrens, o “paradigma”, como é dito, newtoniano-cartesiano concentrou seu foco apenas no “fazer” e na reprodução fidedigna do conhecimento, de modo a adestrar o aluno, sem levar em conta que o homem é, sem perceber a sua evolução e inteligência cognitiva e motora. Além disso, tal modelo de ensino teria acompanhado a revolução industrial, com ênfase no processo de produção capitalista (2010).

De fato, o caráter do *cogito* é abstrato e metafísico, como admite o seu próprio autor. No entanto, por adotar uma concepção neutra com relação ao sexo, bem como à raça e classe social, não é claro que disso se segue que ele tenha assumido a visão do varão (e do branco e do rico). Até pode-se pensar que muitos intelectuais se beneficiaram da filosofia de Descartes para reforçar preconceitos machistas, classistas e racistas. Mas, se por um lado não há nada no *cogito* que impeça que se assumam tais leituras vinculadas a determinados conceitos culturais e populares, também não poderá haver nada que gere impedimento, a partir dele, que se assumam a visão da mulher, do pobre, do negro ou do índio. O que se seguiu historicamente, como sabemos, foi a visão contrária. Mas aqui se trata de um fato histórico, não de um conceito filosófico.

Nas obras em que Descartes trata do *cogito* (*Discurso*, *Meditações*, *Regras*, além dos *Princípios da Filosofia* e a *Procura da Verdade*), não há qualquer menção a sexo ou gênero. Também não há qualquer menção à forma que a sua filosofia deve ser ensinada, uma vez que Descartes não se ocupou do ensino de filosofia ou

de qualquer outra área do conhecimento. Se tentarmos extrair alguma lição a partir do pensamento cartesiano, certamente será o de pensar por nós mesmos e não na reprodução do conhecimento ou no adestramento do leitor. É o que ele explicita, entre outras partes, no início do *Discurso*. Lá ele diz que seu propósito não é o de ensinar qual método racional cada um deve seguir, mas apenas mostrar como ele conduziu a sua razão na busca pela verdade.

Como foi constantemente repetido, um dos grandes alvos de Descartes era a filosofia escolástica que, segundo ele, tinha se tornado inútil e confusa. Seus ensinamentos, continua na segunda parte do *Discurso*, serviam mais para repetir ou explicar coisas já conhecidas do que trazer algo de novo para os espíritos da época. O seu propósito, portanto, era o de justamente buscar algo de certo a partir da análise de si mesmo, de suas próprias ideias, antes de incentivar a mera reprodução de conceitos extraídos dos manuais acadêmicos de seu tempo.

Se levarmos em conta as razões acima apresentadas, perceberemos o quanto é difícil responsabilizar Descartes ou qualquer outro autor que tenha escrito há quase quinhentos anos atrás pelos problemas sociais, educacionais e sócio-ambientais que enfrentamos hoje. Seria injusto, ao que parece, exigir que tais autores devessem se pronunciar sobre questões que não faziam parte do seu contexto. Os conceitos que se tem hoje de machismo, racismo, etnocentrismo e ambientalismo não existiam no século XVI. E, ainda que Descartes, enquanto homem de seu tempo, tenha manifestado conceitos comuns de sua época vistos hoje como machistas ou eurocêntricos, por exemplo, isso não interfere, a nosso ver, na sua filosofia. É preciso saber separar o homem de sua obra, não seria o caso fazer uma investigação sobre a vida pessoal ou mesmo sobre o caráter de Descartes, a não ser por interesses biográficos, históricos, talvez antropológicos. Estamos tratando aqui do Descartes enquanto filósofo e das ideias que ele deixou para os estudiosos em filosofia.

Existem, certamente, inúmeras objeções à filosofia cartesiana que foram e são até hoje debatidas entre os comentadores do autor, provenientes de

David Hume, Pierre Bayle, Gottfried Leibniz, Bertrand Russell e muitos outros filósofos significativos, especialmente do período moderno – algumas das principais objeções e respostas ao *cogito* encontram-se em Zimmermann (2004). Tratamos aqui somente de algumas críticas mais gerais e populares ou que procuram fazer uma análise do *cogito* em termos de suas supostas consequências para a vida social e ciência contemporânea. Fritjof Capra, que parece ter sido um dos primeiros a fazer a divulgação de tais críticas, indica já no prefácio do seu livro que o seu trabalho não é destinado a especialistas, atribuindo-o, ao invés, ao “leitor comum”.

Certamente há muito ainda a falar sobre este assunto e não iremos nos alongar aqui. Chamaremos a atenção apenas para um último aspecto, que é referente ao uso do termo “paradigma”, muito utilizado em domínios sociais e acadêmicos, e que muitas vezes carrega outros sentidos, além daquele proposto pelo seu autor, Thomas Kuhn. Realizar a análise minuciosa do termo, porém, exigirá outro tipo de pesquisa. É claro que, poderão dizer, muitos termos foram extraídos dos seus berços originais para adquirirem outro significado no interior de uma determinada ciência ou contexto popular. Uma análise de como cada área compreende determinado conceito, porém, pode nos ser útil para tentarmos resolver controvérsias interdisciplinares e esclarecer conteúdos que podem nos levar a dificuldades de comunicação.

BIBLIOGRAFIA

ABRÃO, Luiz A., CHADDAD, Flávio Roberto, DALBEM, Rafael, DEL VECCHIO, Rafael, SILVA, Ricardo H. Concepções de educação ambiental em alunos de um curso de ciências biológicas, In: **Educação Ambiental em Ação**, N. 32, ano IX, 2010. Recolhido de: <http://www.revistaea.org/>

ARAÚJO, Fábio Roque da Silva. A ruptura do paradigma cartesiano e alguns dos seus reflexos jurídicos, In: **Revista CEJ**, V.13, n. 46 jul./set. 2009. Recolhido de: <http://www.jf.jus.br/ojs2/index.php/revcej/article/viewArticle/1100>

BEHRENS, Marilda A.; CARPIM, Lucymara; FERREIRA, Jacques de Lima. Do paradigma tradicional ao paradigma da complexidade: um novo caminhar na educação profissional, In: **Boletim Técnico Senac**, Rio de Janeiro, v. 36, n.1, jan./abr. 2010. Recolhido de: www.senac.br/bts/361/artigo5.pdf

CAPRA, Fritjof. **O Ponto de Mutação**. São Paulo: Cultrix, 1982. Tradução: Álvaro Cabral

CHADDAD, Flávio Roberto & GHILARDI, Renato Pirani. O legado de Descartes, In: **Enciclopédia Biosfera**. Centro Científico Conhecer. Goiânia, v. 8, n. 14; p. 1778, 2012. Recolhido de: <http://www.conhecer.org.br/enciclop/2012a/humanas/o%20legado.pdf>

COTTINGHAM, John. **A Descartes Dictionary**. Cambridge: Blackwell, 1993.

DESCARTES, René. **Discurso do Método e Meditações**. São Paulo: Abril Cultural, 1979. Tradução: J. Guinsburg e Bento Prado Júnior

_____. **Regras para Direção do Espírito**. São Paulo: Martin Claret, 2000. Tradução: Pietro Nassetti

LUGONES, María. Toward a decolonial feminism. In: **Hypatia**, vol. 25, n. 4. 2010.

PALANCA, Diana de Vallescar. El impacto del género en la filosofía latinoamericana. In: **Utopia y Praxis Latinoamericana**, v.10, n.31 Maracaibo dic. 2005.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y Modernidad-racionalidad. In: BONILLO, Heraclio (comp.). **Los conquistados**. Bogotá: Tercer Mundo Ediciones, 1992. pp. 437-449.

ROTUNDO, Juan Camilo Cajigas. La biocolonialidad del poder. Amazonía, biodiversidad y ecocapitalismo. In: GÓMEZ, Santiago Castro & GROSGOQUEL, Ramón. **El giro decolonial - Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007.

TORRES, Nelson Maldonado. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: GÓMEZ, Santiago Castro & GROSGOQUEL, Ramón. **El giro decolonial - Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007.

ZIMMERMANN, Flávio. A Primeira Certeza Cartesiana, In: **Revista Cadernos Pet de Filosofia**. Curitiba, nº 6, 2004, pp. 9-25.

_____. Razão dos animais em Hume e nos céticos modernos. In: **Cadernos Espinosanos**, n.29, São Paulo, p.58-79, jul-dez 2013.

O AUTOR

Flávio Miguel de Oliveira Zimmermann Professor da Universidade Federal Fronteira Sul (UFFS), campus Chapecó. Atualmente é coordenador do curso de filosofia. Possui graduação e mestrado em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina e doutorado em Filosofia pela Universidade de São Paulo (2010). Atua nas áreas de Teoria do Conhecimento, Filosofia Moderna, Ceticismo e Empirismo. Trabalha com autores como Michel de Montaigne, René Descartes e David Hume. Anteriormente trabalhou nas faculdades Borges de Mendonça, Decisão, Avantis e USJ. E-mail: flavio.zimmermann@uffs.edu.br

